BIBLIOGRAFIA

L I V R O S

ALBERONI, Francesco — *Classi e Generazioni* — Il Mulino, Bologna, 1970, 211 p.

Francesco ALBERONI é um dos mais destacados sociólogos italianos da geração que, chegada à juventude no imediato pós-guerra, operou, por caminhos não raramente «tortuosos» e regra geral marginais, a restauração da Sociologia no seu país, após o interregno fascista. O seu percurso intelectual é, sob este aspecto, exemplar: começou por se diplomar em Medicina; depois da sua formatura, enveredou pela Psicologia, tendo dedicado especial atenção, como investigador, ao problema da «probabilidade subjectiva»; só mais tarde lhe foi possível tornar-se sociólogo; é actualmente professor ordinário de Sociologia na Universidade de Trento. A maior parte das suas obras acusa claramente a influência do seu passado de psicólogo, desde logo na sua própria temática: o «vedetismo» (*L'Elite senza Potere*, 1963), o «consumo» (*Consumi e Società*, 1965), a «adaptação» do emigrante rural à sociedade industrial (*L'Integrazione dell'Immigrato nella Società Industriale*, 1967), o «activismo» político (*L'Attivista di Partito*, 1967). A sua obra mais importante (*Statu Nascenti*, 1968) tomou, porém, como objecto os «movimentos colectivos» e situou-se já numa perspectiva teórica muito mais definidamente sociológica.

Na Introdução de *Classi e Generazioni*, que se inscreve numa linha de expressa filiação em *Statu Nascenti*, escreve o Autor: «O Maio (de 1968) francês não foi mais que um revelador. Neste ponto estou de acordo com Alain Touraine quando escreveu, logo após os acontecimentos: é apenas o começo. Não o começo de outros tantos fenómenos do mesmo tipo do de Maio, mas de *um conflito estrutural* que altera as relações de classes e de forças na sociedade industrial-avançada e que produzirá outros movimentos colectivos, de esquerda e de direita, modificações institucionais, novas e mais duras formas de luta» (p. 7). Pode dizer-se que todo o livro — que se compõe de cinco capítulos, três dos quais já anteriormente publicados como artigos, e de uma conclusão onde incisivamente se condensam os principais aspectos da análise nele desenvolvida — integra um relevante contributo para a perspectivação (e, até certo ponto, para a prospectivação) em termos sociológicos globais desse novo «conflito estrutural» de que os movimentos colectivos juvenis são ùnicamente «um revelador». A sua alusão a TOURAINE não é, aliás, meramente fortuita, porquanto entre o pensamento de ALBERONI e o do discutido autor da *Sociologie de l'Action* e de *Le Mouvement de Mai* as afinidades, quanto à interpretação do significado sociológico profundo dos movimentos contemporâneos de jovens, são na verdade estreitas, embora escassamente explicitadas. No entanto, o sociólogo italiano move-se num quadro teórico muito mais decididamente referenciado ao marxismo que o de TOURAINE, se bem que não se trate de um marxismo imobilizado e dogmático.

Na nossa época histórica, observa ALBERONI, o desenvolvimento das forças produtivas caracteriza-se pelo facto de o «conhecimento finalizado» se haver tornado um factor de produção: o conhecimento *socializou-se*,

inserindo-se em cada «momento» do processo produtivo. Ora, este novo factor de produção encontra-se desigualmente distribuído na sociedade e, por isso mesmo, aqueles que são em maior medida os seus portadores (actuais ou potenciais) constituem uma «classe emergente». Uma nova luta de classe, cujo móbil estrutural é o seu controle, tende a desenvolver-se; luta de violência não inferior à que na Idade Média se travou pelo controle das terras ou à que sob um capitalismo menos desenvolvido teve por objecto o controle do trabalho ou das fontes de matérias-primas. Deste modo, a socialização do conhecimento — da qual o aumento da escolarização e a crescente procura social de instrução são meras expressões — põe em causa toda a base do poder, quer nas sociedades capitalístico-pluralistas, quer nas capitalístico-estatais. Mas, porque os portadores do novo factor de produção, na medida em que este já está ou tende a estar socializado, são principalmente os jovens, «o conflito apresenta-se *em termos de gerações*» (p. 200). Daqui se tem extraído frequentemente «a errada conclusão» de que são as camadas etárias jovens, e não aquele factor estrutural (o conhecimento socializado), que provocam a revolta que é prenúncio de uma longa luta de classes, por ora sòmente em esboço.

«Estamos a entrar — adverte ainda o Autor — numa fase histórica na qual aos movimentos colectivos revolucionários se contraporão movimentos colectivos reaccionários, uns e outros actuando sob a hegemonia de *élites* (políticas) de que dependerá, em última análse, o resultado do confronto. Encarando as coisas nesta prospectiva, a previsão que acaso possamos fazer, tendo em vista os anos 2000, não é ridente — fortíssima repressão, a princípio institucional e depois recorrendo a movimentos colectivos reaccionários: revoltas, campos de concentração, arregimentamento doutrinal» (p. 199). ALBERONI não hesita em sobrecarregar mais ainda de violência potencial os conflitos que antevê: «Os factores em jogo são três: o aumento das potencialidades vitais, o aumento numérico dos homens, a socialização do conhecimento como factor produtivo; daqui deriva uma luta pelo controle do novo factor produtivo, numa situação de 'excesso' de força-de-trabalho, de 'excesso' de homens e de vitalidade. Sobre esta contradição, perfila-se temerosamente o espectro da *destruição desse excesso*, em termos de guerra e/ou de organização de castas.» De facto, num contexto em que a abundância de vidas e de vitalidade e o progresso técnico tendem a reduzir (como em tempos recuados já sucedeu, mas devido então à escassez dos outros factores produtivos) o valor económico da vida humana, é de recear que os poderosos em luta não recuem perante tal «espectro». O tempo, as forças humanas, as vidas que já não são necessárias à produção poderão ser maciçamente jogadas na destruição.

Não cabe nos limites de uma simples recensão bibliográfica a crítica das teses — perante as quais o Autor não se coloca numa atitude alarmista-passiva — que acabamos de sucintamente resumir. Mas o menos que pode dizer-se, a respeito desta vigorosa obra de Francesco ALBERONI, é que merece ser lida com empenhada atenção. Depois dela, deve ficar bem claro, pelo menos, que a análise dos movimentos sociais juvenis não pode permanecer confinada nos estreitos limites de uma «sociologia da juventude» em que muitos a têm procurado circunscrever.

A. Sedas Nunes

BANKS, Olive — *The Sociology of Education, Foundations of Modern Society* — B. T. Batsford Ltd., London, 1969 (1.ª ed. 1968), 224 p.

Trata-se de uma obra que, tal como a A. diz, é fundamentalmente dirigida aos estudantes, e aos estudantes de Sociologia, que não tanto aos de Ciências da Educação: «...foram mais tidas em conta as necessidades do estudante de Sociologia que as do futuro professor».

É essencialmente uma obra didáctica e que pretende mais, como acima se indica, ser uma iniciação ao es-